

algumas drogas de plantas e outras substâncias, cuja acção em parte é real e em parte tem apenas valor mágico. São ainda portadores de uma cauda de animal *nchila*, contendo uma droga que lhes confere o poder sobrenatural purificante, o poder de fazer chover e outras propriedades.»⁽⁸⁾ São estas personagens que fornecem a *ntela* para tudo. No princípio do Likumbi são eles que, depois de colocarem a cabeça de um cabrito vivo sobre uma pedra «sagrada», o altar do sacrificio, lhe deitam um pouco de *ntela*, chamada então *inhopedi*, para que cada *mwali* toque com a sua testa na cabeça do cabrito. É ainda o seu remédio que será deitado na cova onde cada candidato planta uma árvore.

É dentro desta atmosfera de recurso a drogas mágicas e de invocação dos antepassados que se processarão a circuncisão e os dias seguintes até ao termo do Likumbi. Os *vanalombo* prescrevem à família dos *vaali* várias regras de conduta, as quais devem ser rigorosamente cumpridas a fim de não acontecer nada de mal aos iniciandos familiares. Em alguns casos é recomendada a abstinência sexual. Em princípio, sobretudo as mães, procuram cumprir o que lhes foi ordenado até porque não raro acontecia morrer algum *mwali* devido a infecções ou hemorragias causadas pela circuncisão feita em moldes arcaicos. Se algum *mwali* morresse a mãe não o sabia na altura. Ela continuava a preparar a comida para enviar ao seu filho até ao fim das cerimónias e só descobria que ele morreu e foi enterrado no mato quando de manhã via um almofariz colocado, de fundo para o ar, à sua porta. Durante este período que durava meses eram ministrados os conhecimentos tradicionais aos iniciados. O modo como comportar-se com a família, o modo como comportar-se em sociedade, os trabalhos que lhe competiam, o complexo do *mapiko*, de que se falará em pormenor, tudo lhes era transmitido.

Assim como os rapazes, também as raparigas têm as suas festas de iniciação, chamadas, neste caso, *Nhoma* e sendo também em três fases: *Nhoma Kuwika*, *Nhoma Kulunda*, *Nhoma Kuyaluka*. Durante estas festas serão ministrados às raparigas os conhecimentos de que elas precisam como mulheres casadas. Aprenderão a ter cuidado com o corpo, aprenderão a pilar, lavar, cozinhar, etc. Nestas festas são também sujeitas a maus tratos dos quais destacaremos os seguintes: terão as *vaali* de passar por entre duas filas de mulheres, três vezes para um lado e três vezes para o outro, levando vergastadas de todas elas; já quase no fim das festas usava-se em algumas zonas obrigar as *vaali* a subir a uma árvore, perguntando-lhes a sua *mbwana* (madrinha) se elas estavam dispostas a cumprir os seus deveres após a saída do *Nhoma*. Se a *mwali* não se mostrasse disposta a cumprir tais preceitos cortavam a árvore e ela era obrigada a saltar quando a mesma fosse a cair. Antigamente era costume desflorar artificialmente as *vaali*. Refere o Prof. Jorge Dias uma história que lhe narraram e que é uma tentativa de explicação da queda

(8) Jorge Dias, *op. cit.*, vol. III, p. 166.

ASPECTOS DA ETNOGRAFIA MACONDE

de tal costume. É que numa dessas cerimónias quebrou-se um *nkamanqu* (objecto de barro que servia para fazer a desfloração artificial) e isso causou grande sofrimento à rapariga até que conseguissem extrair o barro da vagina. A mãe da rapariga contou o caso ao marido e daí passou ao conhecimento do chefe da povoação, da Administração e das Missões, o que veio a ocasionar a proibição de tal acto.

No decurso destas cerimónias são usadas pelas *vanulomba* várias *ntcla* com fins purificatórios. Durante todo o período de Nhoma as mães das candidatas não podem ter relações sexuais. Mesmo a mulher (a primeira mulher, no caso de ter várias) do chefe da povoação deverá abster-se também de relações sexuais, ainda que não tenha nenhuma filha no Nhoma.

O que mais atrai o pessoal de fora da aldeia, no Nhoma como no Likumbi, é o *Mapiko* de que se falará seguidamente.

MAPIKO

Mapiko pode ser tomado em várias acepções, todas elas interligadas. Assim, a dança tradicional, chama-se *mapiko*. *Mapiko*, diz Francisco Alfredo Fernandes, «é a dança em si, quer ela se destine a cerimónias de carácter recreativo ou religioso. Tem lugar por altura das sementeiras e das colheitas. Os enterros, os casamentos e a iniciação de rapazes e raparigas também dão lugar ao *mapiko*.» (9)

Com o *mapiko* culminam as preces proferidas a favor da vinda das chuvas. É com o *mapiko* que o povo recomenda os rapazes e as raparigas, que acabam de fazer a sua preparação como homens e mulheres, o que já foi referido nos ritos de iniciação. *Mapiko* são as máscaras (o singular é *lipiko*). *Mapiko* é o dançarino ritual mascarado, que é a figura central da dança. «*Mapiko* é ainda a própria máscara e os tambores que servem essa dança. Objectos esses sagrados e cuja confecção, manutenção e conservação implicam certos tabus». (10) *Mapiko* é a própria casa onde os *vaali*, já quase no fim do Likumbi, deverão aprender alguns segredos. «A todas as mulheres é vedado o acesso onde o artista, escondido e longe das vistas indiscretas, procede à confecção da máscara». (11) Será razão deste facto o costume antigo de aí mascararem aquele que iria ser imolado?

Pude observar alguns *mapiko*, realizados a título recreativo, mas noutros tempos, e muitas vezes ainda hoje, era essencialmente «uma dança de carácter místico, pois não era mais do que um contacto de vivos e mortos, que primava pelo ritmo da música que o acompanhava e pela execução do bailado». (12)

(9) Francisco Alfredo Fernandes, «Mapiko — Dança dos Macondes», em Boletim do Museu de Nampula, 1960.

(10) Francisco Alfredo Fernandes, *idem*.

(11) Francisco Alfredo Fernandes, *idem*.

(12) Francisco Alfredo Fernandes, *idem*.

«É preciso que a dança seja executada com perfeição, pois que é por meio dela, entre outros ritos, que são fortalecidos os laços que unem vivos e mortos». É pela dança que se pede também a intervenção dos defuntos junto de Deus (Nnungu) a favor dos vivos «quando a catástrofe os atinge, como nos casos importantes da tribo: nascimento, iniciação, caça, sementeiras, etc. A solicitação aos mortos é indispensável para que as coisas e o tempo se tornem propícios à empresa. Em todos os casos é necessário o auxílio dos antepassados, sempre que os recursos terrestres, e que são bem escassos, foram esgotados.» (13)

O PODER DESTINANTE NA AGRICULTURA E NA CAÇA

Nos povos que nos foi dado conhecer é geralmente a mulher que trabalha a *machamba* (terreno de cultura). O homem dedica-se a alguns trabalhos mais pesados, como seja a derruba de árvores. O maconde usa ainda algumas drogas (*ntela*) para untar algumas sementes que lançará à volta do campo. Essas sementes formarão um círculo de protecção que levará, segundo alguns ainda crêem, a obter uma boa colheita.

O Prof. Jorge Dias colheu alguns elementos interessantes a este respeito e que não nos foi dado observar. Entre uma prática destinada a obter tal finalidade diz: «Para obter boas colheitas existe uma prática de óptimos resultados, mas difícil de levar a cabo porque, para a realizar, é necessário ter à disposição uma cobra «mboma». Quando um camponês consegue matar uma cobra destas, corta-lhe a cabeça e coloca-a ao lume até ficar reduzida a carvão. Depois pila-a e mistura o pó assim obtido com fragmentos de cascas de árvore previamente piladas. Em seguida deita tudo isto dentro de uma cabaça com água, adiciona-lhe grão de milho e leva esta mistura para o campo, semeando grão de milho nos limites da *machamba*. Terminada esta operação, o camponês coloca-se no meio do campo e bebe a infusão contida na cabaça, tendo o cuidado de se colocar debaixo de um tronco. Explicam eles que este remédio dá muito resultado porque a «mbona» é uma cobra que permanece muito tempo nos mesmos lugares e desta maneira o campo ficará sempre protegido e produzirá uma colheita abundante.» (14).

O maconde, que tem uma hierarquia perfeita por ordem decrescente do poder de força vital («Deus, antepassados fundadores da tribo, antepassados chefes, todos os mortos, chefes vivos, restantes pessoas, animais e coisas») (15), costuma pedir a intervenção dos antepassados perante Deus, a fim de obter boas colheitas.

(13) Francisco Alfredo Fernandes, *idem*.

(14) Jorge Dias, *op. cit.*, vol. I, pp. 116-117.

(15) Francisco Alfredo Fernandes, *op. cit.*

«Mesmo quando se dirigem directamente a Deus é costume irem fazer o pedido junto de uma sepultura ou de uma árvore, que foi plantada sobre a cabeça de um velho ou velha, considerado mais dotado de poder sobrenatural e mais próximo de Deus.

Em geral, o chefe da aldeia, que tem funções sacerdotais, implora em voz alta, expondo as suas necessidades, e pede aos antepassados que os ajude e faça com que tenham uma boa colheita. Depois prometem que se o seu pedido for satisfeito ele matará um galinha, um cabrito ou um porco e preparará uma bebida para virem ali comer e beber em honra do seu morto.» (16)

Também a caça, uma grande fonte de receita para o povo maconde, é acompanhada de vários ritos mágico-religiosos. Alguns caçadores levam até *ntela* para evitarem ser mal sucedidos. Sempre que há algum insucesso na caça fazem-se ritos de natureza purificatória. Havia antigamente vários curandeiros especialistas em *ntela* para a caça, sendo até bons caçadores. A floresta densa, com imensos perigos inspirava já de si, assim como os animais que nela habitavam, certo receio naqueles que nela penetravam. Era costume, para evitar que algum perigo acontecesse durante a caça, que os caçadores se abstivessem de relações sexuais durante dois ou três dias antes de a iniciarem. A mulher dos caçadores, enquanto estes andavam nas caçadas, tinham o cuidado de não cometer adultério, pois poderia, como consequência de tal facto, acontecer algo aos caçadores e dum modo especial ao marido. (17).

Hoje, no que respecta à agricultura e à caça, há muita coisa mudada até porque os Macondes ou vivem junto de quartéis e fazem a sua *machamba* na área, ou vivem no mato, muitas vezes sujeitos a serem incomodados por elementos subversivos, ou temendo mesmo as nossas forças militares.

INFLUÊNCIA DAS MISSÕES NA EVOLUÇÃO DOS COSTUMES MACONDES

Pelos documentos que me foi possível obter, pode chegar-se à conclusão de que a influência das missões católicas no Norte de Moçambique foi praticamente nula até aos fins do século XIX e princípios do século XX, se exceptuarmos o Ibo e ilhas vizinhas. Aliás a influência do europeu em Cabo Delgado, sobretudo no interior, foi mínima até esta mesma data. Alguns dos nossos contactos directos com os Macondes deram-se na altura de incursões militares no princípio deste século.

(16) Jorge Dias, *op. cit.*, vol. I, p. 116.

(17) Este facto não deve levar-nos a pensar que o adultério é algo vulgar entre as mulheres macondes, pois em algumas regiões ele é causa de funestas consequências, como ainda neste trabalho será referido.

prometeu vingar-se imediatamente, matando alguém da *likola* (linhagem) daquele que o incriminou. Então, quando a mulher foi à farmácia com as duas crianças, esperou-a à saída e, à catanada, matou a mulher e uma criança que levava às costas. A outra criança conseguiu fugir e chegar a casa a fim de avisar o pai que, quando chegou à farmácia, encontrou a mulher e a criança já mortas.

Também foi na tentativa de acabar com estes costumes que as missões tentaram uma humanização através do Evangelho. Muitos homens, diziam essas irmãs, deixaram de cometer assassinatos mas ficaram com pena, pois, para eles isso era um sinal de afirmação da sua personalidade. ⁽²⁰⁾

Outras influências das missões podem ver-se nos casamentos. Enquanto que os casamentos dos não cristãos são celebrados sem cerimónia, além da entrega do lobolo no acto do casamento, os casamentos cristãos, não rejeitando esta tradição, são acompanhados de outras cerimónias na igreja da missão. Enquanto que após um funeral os que a ele assistiam rapavam o cabelo, os cristãos deixavam de o fazer. Enquanto que no dia da *matanga* (cerimónia realizada um ano após o falecimento de uma pessoa) o *ñanholo* da povoação derramava óleo num pano que era posto por cima da sepultura, os cristãos passaram a substituir este acto por uma oração geralmente dirigida por catequistas.

AS INFLUÊNCIAS DA FRELIMO

Não é uma história completa de organização revolucionária que actua no Norte de Moçambique, a Frelimo, que importa fazer aqui, mas tão-somente mostrar alguns aspectos do seu plano educacional que contribuem para o declínio dos costumes tradicionais.

Primeiramente a Frelimo procura uma consciencialização da problemática de Moçambique ao nível não de etnias, mas de Moçambique mesmo, com intuito de quebrar as barreiras que separavam essas mesmas etnias. Um dos processos é o ensino da língua portuguesa através do método directo, isto é, não devendo o instrutor servir-se da língua dos instruendos para lhes explicar o português. Na sua «História de Moçambique», depois de mostrar as causas das migrações contínuas dos povos africanos, depois de mostrar os motivos positivos e negativos que originaram as migrações banto, procuram consciencializar o moçambicano de que afinal todos são da mesma família, todos têm uma origem comum: o banto. Os motivos que em tempos remotos teriam levado à emigração dos banto foram:

⁽²⁰⁾ Alguns destes elementos foram colhidos nos arquivos da paróquia de Mocim-bua da Praia.

a) motivos negativos

- 1) motivo político: tratava-se geralmente de ameaça militar. A tribo devia fugir diante de um conquistador para evitar a morte ou a escravatura.
- 2) motivo económico: é a razão mais frequente para as migrações. Vários anos de seca consecutivos provocavam fomes que obrigavam as populações a partir.
- 3) motivo social: devido a epidemias muitas vezes aliadas a secas.

b) motivos positivos

- 1) Se em certos casos as populações foram obrigadas a abandonar as suas terras, noutras circunstâncias foram atraídas por uma situação mais vantajosa militarmente e que permitia melhor defesa.
- 2) Motivo económico: a procura das terras novas e férteis e bem irrigadas pouco povoadas e ricas em caça.
- 3) A procura duma situação em que o aproveitamento de carne, a fertilidade do solo e a boa irrigação estejam acompanhados por condições favoráveis à prática da religião.

Esses povos que se encontram em Moçambique e que não são oriundos de Moçambique, pois antes já aí habitavam os hotentotes e bosquímanes (nessa história conhecidos por *Khoisan*) são banto. Cada um desses povos fala um dialecto que é uma ramificação ou um idioma da mesma língua fundamental: o banto. Como já foi referido o povo maconde é um povo único, cioso de ser maconde e que não admitia, e hoje notam-se reminiscências dessa época, contactos com outras etnias.

Mais concretamente a Frelimo procura dar um golpe na educação tradicional. Numa das suas conferências do Departamento de Educação e Cultura e falando de «Educação tradicional e a paralização da sociedade» diz: «embora o colonialista tenha desfechado um golpe poderoso na sociedade tradicional, a educação tradicional é ainda a forma de educação permanente.»

«Devido ao conhecimento superficial da natureza, a sociedade tradicional concebe-a como uma série de forças de origem sobrenatural, mais ou menos hostis ao homem. Daí o facto que na educação a superstição ocupa o lugar de ciência.»

«Por outro lado, o fraco desenvolvimento da economia tradicional, baseado na agricultura, leva ao isolamento da Comunidade.»

Por aqui se pode ver que dentro do programa educacional da Frelimo está uma tentativa de desmitização.

Combatem-se alguns costumes relacionados com o casamento:

«A mulher, concebida como um ser humano de segunda categoria, submetida à prática humilhante da poligamia adquirida através de um dom feito à sua família, herdada por parentes na morte do marido, é educada para passiva, servir o homem.»

Combatem-se as velhas ideias inculcadas na criança aquando do cerimonial das festas da puberdade:

«Neste tipo de educação a criança aprende a forma organizada e em tempos determinados certos usos e costumes tradicionais da sua comunidade. Aqui são inculcadas as ideias velhas da velha sociedade baseadas essencialmente nas crenças supersticiosas. Neste capítulo, encontramos as cerimónias da iniciação e outros tipos de cerimónias nas quais às crianças ou aos adultos são ministrados os costumes, as crenças e o modo de vida característicos da comunidade.»

Depois de num dos documentos do DEC se chamar a atenção para certas consequências trágicas, como infecções e até mortes, aquando dessas cerimónias da iniciação diz o autor:

«Para que estes ritos tradicionais persistam são inventados mitos de superstição a fim de obrigarem o homem (ou a mulher) a convencer-se que a sua existência, a sua definição de homem (ou de mulher) dependem do cumprimento destas regras tradicionais.»

«Este mito que se inventou de que sem participar nas cerimónias o homem (ou a mulher) é inferior aos outros, faz com que os indivíduos rejeitem todas as ideias novas que se oponham a esta prática. Assim o carácter conservador torna-se predominante, tanto na mentalidade dos indivíduos como na própria actuação da sociedade. Aqueles que tentam combater esta prática negando submeter-se a estas cerimónias são votados ao desprezo e ao isolacionismo.» (21)

CONCLUSÕES

Muitos dos usos e costumes macondes pertencem já à História. Isso deve-se à própria evolução interna e em grande parte às influências estranhas que foram mencionadas.

Mesmo os trabalhos existentes sobre os macondes e escritos antes da subversão mostram uma evolução dos costumes. Num artigo escrito por Francisco Alfredo Fernandes no Boletim do Museu de Nampula, «Mapico — Dança dos Macondes», onde se procura explicar a origem de alguns tabus relacionados com o Mapico, diz o autor: «e todos estes tabus, ao que pude everiguar, vêm de longa data, talvez mesmo do início do próprio Mapico. Antigamente parece que

(21) Estes elementos foram colhidos em trabalhos não publicados.

esta dança se processava na altura com o fim de se proceder a sacrifícios humanos aos deuses e cuja vítima era sempre um dos dançarinos que morria às mãos dos outros e dos espectadores. O sacrificando não poderia ser reconhecido e o povo vivia sempre na ignorância de quem tinha sido. O motivo do seu desaparecimento mantinha-se secreto. Só se sabia que alguém fora imolado. A sua identidade não era revelada por aqueles poucos que o conheciam e esses eram os «Padres» da tribo, aqueles a quem hoje chamamos feiticeiros.»⁽²²⁾ Esse costume de sacrificar alguém durante o *mapico* já tinha desaparecido então.

O mesmo autor, que conhecia bem a complexidade do *Mapico*, assistindo ao final das cerimónias de iniciação de um grupo de raparigas, fez algumas perguntas aos velhos que então assistiam ao *Mapico*, os quais, como ele escreve já em 1960, pouco o souberam esclarecer. «O maconde, diz, reservado como é, ou mesmo porque tivesse perdido já o conhecimento do âmago da questão, haja em vista a formação daquela tribo, só nos pode informar que aquela dança é a festa das raparigas e que, dançando, se invocam os nomes delas para que Deus (*Nnungu*) as faça boas mães e esposas. Nada mais conseguimos saber.»⁽²³⁾

O Prof. Jorge Dias e Margot Dias mostram também várias modificações de costumes a respeito das cerimónias da puberdade. Ao descrever um *mapiko* que fazia parte do *Likumbi Kulumia*, diz: «Junto de orquestras secundárias formam-se mais grupos que bailam outras danças, mais ou menos sem se deslocarem. Só quando a orquestra principal muda de lugar, todo o grupo a acompanha. Às vezes, um grupo faz uma dança frenética, meio burlesca, com armas de fantasia na mão. Um com um machado enorme, outros com machados pequenos e ainda com mocas. Dizem eles que é uma paródia da dança antiga, em que dançavam com armas verdadeiras: machados, arcos, flechas e catanas. Mais tarde, para evitar as lutas sangrentas que daí resultavam, as armas foram proibidas nas festas.»⁽²⁴⁾

Referem-se os mesmos investigadores ao facto de, no fim das festas da puberdade, a família, pai, tio e restante família darem já, nas zonas que têm mais fácil contacto com um comércio um pouco evoluído, calções e camisas aos *vaali*, em vez dos tradicionais panos. A propósito de zonas de comércio, não podemos deixar de dizer que o próprio comércio influiu no *modus vivendi* dos Macondes, bem como de outras etnias. Por exemplo, o tradicional cântaro (*chilongo*), que era um distintivo do povo maconde, vai desaparecendo paulatinamente à medida que latas de gasolina, ou recipientes similares, os vão substituindo.

O contacto com as missões, e com povos de outras culturas, fez necessariamente atenuar os seus costumes. Quanto a nós o início da subversão deu um golpe muito grande nos seus costumes, pois desde então restavam duas alternativas:

(22) *Cf.*, *op. cit.*, de Francisco Alfredo Fernandes.

(23) *Cf.*, *op. cit.*, de Francisco Alfredo Fernandes.

(24) Jorge Dias e Margot Dias, *op. cit.*, vol. III, p. 205.